

A construção de *ethé de virtude* em cartas pessoais de noivos não-ilustres da década de 1930

The build of *ethé of virtue* in personal letters of not famous fiancés in the 1930s

Karen Pereira Fernandes de Souza¹

karen_pf_souza@hotmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Welton Pereira e Silva¹

weltonp.silva@hotmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO – Este trabalho tem por objetivo analisar a forma como determinados *ethé* discursivos são construídos em trocas interacionais efetuadas através do gênero carta. Para isso, baseamos nossas análises no referencial teórico e metodológico da Teoria Semiolinguística do Discurso. O principal objetivo é descrever e analisar a construção do *ethos* efetuada por um casal de noivos não-ilustres, os protagonistas das situações de comunicação presentes no *corpus*. Este *corpus* é constituído por um conjunto de 12 cartas trocadas por esse casal, no Rio de Janeiro, na década de 1930, que sobreviveu ao acaso até os dias de hoje. Ao final da análise, nota-se a predominância da construção e manutenção do *ethos de virtude*, já que os sujeitos desejam construir imagens discursivas que estariam de acordo com o que os imaginários sociodiscursivos da época consideravam ideal para o comportamento dos noivos.

Palavras-chave: cartas, análise do discurso, semiolinguística, *ethos* discursivo.

ABSTRACT – This paper aims to analyze how certain discursive *ethé* are build in some interactional exchanges made through letters. For that, we based our analysis on the theoretical and methodological framework of the Semiolinguistic Theory of Discourse. The main goal is to describe and analyze the build of *ethos* made by a not famous couple of fiancés, the protagonists of the situations of communication present in our *corpus*. This *corpus* is constituted by 12 letters exchanged by this couple, in Rio de Janeiro, in the 1930s. After conclusion of the analysis, we notice the prevalent construction of the *ethos of virtue* since the subjects aim to build discursive images in accordance to sociodiscursive imagery of their time with regard to proper behavior for an engaged couple.

Keywords: letters, discourse analysis, semiolinguistics, discursive *ethé*.

Introdução

Este artigo objetiva descrever e analisar a construção dos *ethé* discursivos de um casal de noivos não-ilustres a partir de cartas pessoais trocadas no Rio de Janeiro na década de 1930 (especificamente, entre os anos 1936 e 1937). Escolheu-se esse *corpus* pelo valor inestimável para os estudos discursivos e sociolinguísticos, graças às marcas linguísticas presentes nos textos, que evidenciam pouco domínio dos modelos de escrita, registrando-se, por consequência, traços de oralidade da época nas cartas da noiva (que estão presentes na fala corrente no presente momento).

Assim, o trabalho está baseado na Teoria Semiolinguística do Discurso de Charaudeau (2014, 2015), que

fundamenta as questões envolvidas durante o processo de interação do ato de linguagem. Para esta pesquisa, também houve auxílio da História Social para ajudar na análise histórico-social da época, o que se relaciona com os imaginários sociodiscursivos.

A respeito do *corpus*, o gênero carta é caracterizado por uma “conversa” na qual o autor se dirige a um interlocutor específico para estabelecer uma comunicação com a finalidade de relatar e/ou comentar acontecimentos que julgue ser relevantes ao anúncio. A diferença entre a carta e a conversa cotidiana, além do suporte material e da modalidade escrita/oral, reside no tempo em que se leva para obter uma resposta e na distância em que emissor e destinatário se encontram separados no espaço físico.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Av. Horácio Macedo, 2151, Cidade Universitária, 21941-917, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira: além desta *Introdução*, apresenta-se, na primeira seção, a *Fundamentação Teórica* na qual se discutem, nas subseções, as questões sobre a Análise do Discurso, apresentando as bases teóricas deste trabalho; a definição de *ethos* discursivo; a caracterização do gênero carta, revelando sua estruturação e função; e a caracterização do *corpus*, onde localizá-lo, como foi organizado etc. Na segunda seção, tem-se a *Análise das cartas*, proposta de trabalho deste artigo, com as subseções de caracterização da imagem social e do *ethos* dos noivos. Seguem, assim, as *Considerações finais* e as *Referências* utilizadas nesta pesquisa.

Fundamentação teórica

Sobre a Análise do Discurso e a Teoria Semiolinguística

A Análise do Discurso é uma ciência que busca analisar uma determinada produção discursiva a partir de um texto e, com isso, compreender suas construções histórico-sociais. Neste sentido, o discurso é o resultado de um ato de comunicação (ou ato de linguagem), i.e., é a construção linguística junto com o contexto social e histórico, pois não existe discurso senão contextualizado.

De acordo com Charaudeau (2014, p. 44), “o ato de linguagem não deve ser concebido como um ato de comunicação resultante da simples produção de uma mensagem que um Emissor envia a um Receptor”, pois, mais do que uma simples análise textual propriamente dita, a Análise do Discurso (AD) é uma análise contextual da estrutura discursiva em questão. Em outras palavras, o analista leva em conta determinadas marcas presentes em um texto, as quais são construídas e influenciadas pelo contexto político-social no qual o sujeito que enuncia está inserido.

Além do mais, deve-se citar a questão elementar da AD: o sentido. Já é comumente aceito que o sentido do discurso não é fixo, pois ele muda em função do contexto, dos sujeitos, da estética, do objetivo do discurso e da sua forma de construção. Tendo em vista que a finalidade do texto é a de transmitir uma mensagem que alcance o objetivo do locutor, o sentido do discurso é sempre determinado pela interpretação do receptor. Consequentemente, um ato de linguagem nunca terá uma única interpretação, porque é um somatório de pontos de vistas e de conhecimentos de mundo acumulados pelo interlocutor.

Portanto, o ato de comunicação pode ser visto como um evento de produção cujo núcleo é ocupado pelo locutor (ou sujeito comunicante/enunciador) e de interpretação cujo centro é preenchido pelo interlocutor (ou sujeito destinatário/interpretante). Além disso, todo ato comunicativo leva em conta a observação de determinadas características presentes no circuito interno da situação de comunicação, i.e., o linguístico, a estrutura formal, e no circuito externo, i.e., o contexto histórico-social.

Assim sendo, o ato de linguagem é composto por dois planos, o espaço externo da situação de comunicação e o espaço interno nos quais participam entidades subjetivas: o Eu-comunicante (EUC), o Eu-enunciador (EUE), o Tu-destinatário (TUD) e o Tu-interpretante (TUI). Sendo assim, no espaço externo, encontram-se os sujeitos empíricos, já que o EUC tem uma intenção e um projeto de fala a serem dirigidos a um TUI, ou Receptor, sujeito responsável pelo processo de interpretação que escapa do domínio do EU. Já no universo interno da interação comunicativa, têm-se os seres de fala, isto é, EUE e o TUD que existem no e pelo ato de produção-interpretção. Assim, o TUD é fabricado pelo EUC, pois ele se dirige a um destinatário ideal para aquilo que será dito; e o EUE é uma representação parcial de EUC, i.e., é uma imagem construída pelo EUC e percebida pelo TUI, além de representar o traço de intencionalidade no ato de produção da fala. A título de exemplificação do que foi dito, considere-se o trecho a seguir:

Em, ‘Saia!’, por exemplo, é o ato de linguagem nesta configuração particular que dá ao EUE o estatuto de ‘autoridade-dando-uma-ordem’, ao mesmo tempo que dá ao TUD ao estatuto de ‘submissão’ (isto é: ‘devendo-executar-uma-ordem’). Em outras palavras, EUE e TUD são em partes transparentes, na medida em que estão inscritos no ato de linguagem pela configuração particular deste ato. Por exemplo, os estatutos que ‘Saia!’ confere a EUE e a TUD não prejudgam a natureza do EUC (se efetivamente teria ou não a autoridade) nem a reação de TUI (se vai se submeter ou não) (Charaudeau, 2014, p. 48).

Dessa maneira, segundo Pauliukonis e Gouvêa (2012), toda vez que um sujeito comunicante (EUC) toma a palavra, ele constrói uma imagem de si próprio (EUE) e de seu receptor (TUD); e, através das escolhas conscientes e inconscientes feitas pelo locutor, por meio do ato comunicativo, revelam-se a personalidade e o caráter do enunciador. Ou seja, ao tomar a palavra, o sujeito que comunica eventualmente constrói para si mesmo uma imagem discursiva que pode servir para lhe garantir determinada credibilidade, “essa imagem de si, projetada pelo locutor através do seu discurso, é designada, na Retórica tradicional, como *ethos*” (Pauliukonis e Gouvêa, 2012, p. 61). Nesse sentido, o que é mais importante nesse ato de comunicação é a capacidade de persuadir o TUI pela credibilidade transmitida (pelo EUE) do que pelo caráter real do locutor (EUC).

Reiterando, o discurso é considerado uma rede interdisciplinar de elementos textuais e acontecimentos sociais, realizado por duas atividades: a de produção e a de interpretação. Dessa forma, o evento comunicativo é um conjunto de normas que cabe aos participantes respeitar e, com isso, cada um postula que seu parceiro aceita as regras do jogo e espera que ambos as respeitem.

Assim, o contrato de comunicação rege as expectativas dos sujeitos do ato da linguagem. Normalmente implícito, o contrato pressupõe que os sujeitos compartilhem de

práticas sociais, experiências e competências linguísticas e, assim, estabeleçam uma relação de “convivência” e de cumplicidade. O contrato também estabelece um espaço de restrições, ou seja, regras que não podem ser violadas pelos parceiros da comunicação, e um espaço de manobras que, segundo Pauliukonis e Gouvêa (2012, p. 57), “compreende os diferentes tipos de configurações discursivas de que o sujeito comunicante dispõe para atingir seus objetivos”.

No espaço de manobra, o sujeito lança mão de determinadas estratégias discursivas para atingir seus objetivos comunicacionais. A noção de *estratégia* está associada a como o EUC concebe, organiza, relaciona suas intenções de modo a convencer, seduzir o TUi de forma que este se identifique com o TUD idealizado. Dentre essas estratégias, encontram-se as de *legitimidade, credibilidade e captação*. ‘Legitimidade’ diz respeito ao *status* do locutor, quem é ele para proferir tal enunciado; ‘credibilidade’ diz respeito à forma como o discurso é construído, ou seja, se o enunciador se faz ser crível, ou não; por fim, a ‘*captação*’ diz respeito à capacidade que o locutor tem de comover seu interlocutor.

Para que as finalidades da situação de comunicação sejam atingidas, o sujeito constrói seu discurso fazendo uso de determinados modos, maneiras de organização. Assim, toda informação transmitida pelo EUC, de acordo com a situação de fala, é organizada, dependendo da finalidade comunicativa, em estruturas específicas de acordo com a enunciação, a narração, a descrição e/ou a argumentação. Vejamos, na próxima seção, a caracterização do *ethos* discursivo, elemento fundamental para a proposta de análise deste trabalho.

Ethos discursivo

O *ethos* é uma categoria importada da Retórica, de Aristóteles, e pode ser entendida como a imagem construída pelo sujeito no momento da enunciação de seu discurso. No entanto, esse ponto de vista é assim compreendido no interior das teorias da Análise do Discurso, pois, para Aristóteles, o *ethos* designava o caráter do orador:

As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar. Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé (Aristóteles, 2005, p. 96).

Apesar de o termo *ethos* ter sido utilizado pelo filósofo grego para designar o “caráter”, que levava em conta, inclusive, a posição social, vestimentas e ascendência familiar do orador, esse termo já dizia respeito a uma determinada imagem que o sujeito que enuncia constrói de si mesmo em seu discurso.

Retomando, então, essa noção, alguns analistas do discurso postulam sobre o que vem a ser o *ethos* discursivo na Análise do Discurso. Para Amossy (2014, p. 220):

Termo emprestado da retórica antiga, o *ethos* (em grego ἦθος, personagem) designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário. Essa noção foi retomada em ciências da linguagem e, principalmente, em análise do discurso, em que se refere às modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal.

A autora acima nos explica, portanto, que a imagem construída no e pelo discurso se faz necessária para que o sujeito que discursa exerça certa influência sobre o alocutário, o sujeito destinatário do discurso. Na mesma linha, mas indo um pouco além, Charaudeau (2015) nos apresenta certas categorias de *ethé* discursivos que podem ser encontradas em um discurso, no caso, o político. Para ele, os *ethé de credibilidade* dizem respeito à possibilidade de um indivíduo ser considerado digno de crédito e de ter os meios de pôr em prática aquilo que promete, por exemplo. Dentro dessa categoria, o autor nos apresenta alguns tipos de *ethos*, como o *ethos de sério, de virtude e de competência*. Além destes, Charaudeau (2015, p. 137) também nos apresenta os *ethé de identificação*, através dos quais “o cidadão, mediante um processo de identificação irracional, funda sua identidade na do político”. Ou seja, o sujeito comunicante procura produzir determinadas imagens de si próprio de modo a fazer com que seus oponentes se identifiquem consigo. Dentre os tipos de *ethé de identificação*, o autor nos apresenta o *ethos de potência, o ethos de caráter, o ethos de inteligência, o ethos de humanidade, o ethos de chefe e o ethos de solidariedade*.

Para a construção e manutenção de determinadas identidades discursivas, no entanto, os sujeitos se valem de certas representações que circulam em sociedade na forma de imaginários sociodiscursivos. De acordo com Charaudeau (2015, p. 207),

Os imaginários sociodiscursivos circulam, portanto, em um espaço de interdiscursividade. Eles dão testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais. No espaço político, por exemplo, circulam imaginários sobre o comportamento que o político deve adotar, conforme a situação em que se encontre: campanha eleitoral, alocação televisiva, debate, reunião etc., imaginários relativos ao *ethos* que ele deve construir para si em função de uma expectativa coletiva dos cidadãos, imaginários de opinião que sustentam os programas eleitorais, as profissões de fé ou os escritos analíticos.

É interessante ressaltar que, para a criação e manutenção de uma determinada imagem discursiva, bem como para a interpretação e aceitação adequada dessa imagem criada, é necessário que os protagonistas de uma situação de comunicação compartilhem determinados imaginários sociodiscursivos. Assim, se o sujeito comunicante procura

projetar uma imagem discursiva que julga ser virtuosa, por exemplo, essa imagem só será compreendida como tal se as ações discursivas do sujeito comunicante estiverem de acordo com o que o sujeito interpretante compreende como uma ação virtuosa. Passemos à próxima seção com a descrição do gênero discursivo “carta” e do *corpus* selecionado para este exame.

Gênero “carta” e *corpus*

A manutenção de uma estrutura própria e a conservação de fórmulas fixas (localização, datação, saudação inicial, captação da benevolência, corpo do texto, despedida, assinatura), atreladas à função social, caracterizam a “carta” como um gênero discursivo. Na presente pesquisa, em consonância com os estudos mais recentes tanto na área da Linguística de Texto quanto na Análise do Discurso, não faremos a distinção epistemológica entre os termos “gênero textual” e “gênero discursivo”, no entanto, optaremos por fazer uso do segundo.

De uma forma geral, a “carta pessoal” é caracterizada por uma “conversa” na modalidade escrita da língua, em que o autor se dirige a um interlocutor específico para estabelecer uma comunicação a distância, com a finalidade de relatar e/ou comentar acontecimentos que julgue ser relevantes ao anúncio. Os aspectos de natureza linguística e o registro variam de acordo com o grau de formalidade entre o remetente e o destinatário; sendo assim, são estabelecidos em função da imagem do interlocutor a quem é dirigida a carta. Portanto, quanto maior a intimidade entre os interlocutores, o nível de informalidade da língua tende a ser maior, por conseguinte, quanto maior for o distanciamento entre os interlocutores, maior o nível de formalidade da língua.

No Quadro 1, reproduz-se parte de uma carta de Maria enviada a seu noivo, em que se encontram os principais elementos constitutivos desse gênero discursivo.

Logo no início da carta, já se pode ver onde e quando a mesma foi escrita pela “localização e data”. Em seguida, apresenta-se a “saudação inicial/vocativo”, revelando a relação existente entre os interlocutores e como será o nível de interação, por meio do vocativo e de seus adjuntos, como em “Meu queridinho noivinho”. Logo em seguida, encontra-se a “captação da benevolência” (pode vir no início ou no final), que diz respeito ao trecho da carta em que o remetente tenta captar a boa vontade do destinatário para o que vai ser dito em sequência; ainda nessa seção, é bastante frequente o uso de expressões formulaicas, ou seja, expressões da tradição discursiva, como “Bom dia!”, “Tudo bem?”.

A seguir, tem-se o “corpo da mensagem”, o texto propriamente dito, a razão pela qual a carta é escrita. Essa seção geralmente possui uma composição textual mais flexível, mais espontânea se comparada às outras seções da composição desse gênero. A carta é encerrada com a “seção de despedida”, ou seja, uma saudação final de cunho formal ou informal, dependendo da relação entre os interlocutores e com a “assinatura” do remetente, elementos constitutivos mais fixos. Pode haver ainda uma seção para pequenas “observações”, geralmente, ao final da carta.

A carta pessoal, representada no Quadro 1, apresenta-se como um modelo geral da estrutura do *corpus* adotado; entretanto, embora haja um modelo-padrão a ser seguido para este gênero, pode haver também uma variação na estrutura em que se nota a ausência de uma ou mais partes constitutivas do gênero.

A amostra deste estudo está constituída por um conjunto de 12 cartas de 97 missivas escritas no Rio de Janeiro entre setembro de 1936 e maio de 1937, por um casal de noivos, Jayme e Maria. As cartas que “sobreviveram” aos dias de hoje foram apenas 31 cartas de Maria e 66 de Jayme, compondo, assim, o *corpus* original. Essas cartas foram encontradas ocasionalmente em uma lixeira por um estudante de Letras², por essa razão, todas as informações que caracterizam o casal foram retiradas das mensagens trocadas por eles.

Esse material foi gentilmente cedido ao Projeto Laboratório de História do Português Brasileiro (Labor Histórico), organizado pela Professora Célia Lopes e disponível *online* no *site* do Projeto³. Após a leitura do material, escolheu-se por trabalhar com as cartas de *escrita modernizada*⁴, para uma leitura mais fácil das mensagens trocadas. Passemos agora para a análise das cartas, principal objetivo deste trabalho.

Análise das cartas

Caracterização da imagem social dos sujeitos

Segundo Charaudeau (2014), as trocas de informações pelos interlocutores do ato comunicativo são regidas por um conjunto de normas sociais e culturais estabelecidas, as quais devem ser observadas para que o discurso seja eficiente. Sendo assim, as trocas linguísticas estariam delimitadas pelo contrato de comunicação.

No caso específico deste trabalho, o contrato de comunicação também é inserido em um contrato social que mantém a correspondência entre os noivos, ou seja, o próprio noivado, um *status* social mais sério do que o

² Informação colhida de Silva (2012).

³ O *corpus* utilizado pode ser encontrado em Lopes (2004).

⁴ Transcrição do texto em formato digital de acordo com o Novo Acordo Ortográfico.

Quadro 1. Configuração formal do gênero carta (nº 3, remetente Maria, 26/09/1936, texto modernizado).
Chart 1. Formal configuration of the genre letter (n. 3, sender Maria, September 26, 1936, modernized text).

Paulo de Frontim, 26/09/1936	Localização/Data
Meu amado noivinho Jayme	Saudação inicial/Vocativo
Saudades Espero que esta te vá encontrar em perfeita saúde junto aos teus eu e os meus vamos bem graças a Deus	Captação da benevolência
eu já vou melhor do resfriado eu no dia 25 recebi 2 cartas tuas a do dia 23 e do dia 24 eu fiquei muito contente de ter notícias tuas eu esta semana recebi 5 cartas tuas a minha irmã chegou a dizer que era melhor a gente se casar que eu parecia uma bobinha por você, eu já vi as chapas parece que estão boas aquela que tu bateste em belei estragou-se e a da minha irmã que bateste no hotel também o resto estão todas muito bem o moço só vai copiar no sábado a noite hoje a noite so posso botar no correio Domingo deves a receber na terça-feira se Deus quiser eu com esta sam são 6 cartas que esta escrevi todas os dias a si mesmo doente eu pra semana mando-te dizer se vou ou não no dia 4 de Outubro se você pudesse vir no dia 4 eu acho que não ia por que a minha irmã quer que eu fique a té o dia 17 se você pudesse vir no dia 4 e no 17 era bom mais eu sei que você não pode vir. Jayme você disse que eu pedi a minha mãe para vir me buscar no dia 4 não foi assim que eu escrevi para eles eu escrevi para ela vir com você se você pudesse, eu para semana eu mando-te dizer se vou ou não, a Hilda continua resfriada	Corpo da mensagem
abraços da minha irmã sobrinhos e Ismenia e da Hilda beijos para você e desta tua voivinha sincera muitos beijos e abraços para o meu voivinho Jayminho	Despedida
Maria Ribeiro da Costa	Assinatura
não repare a minha carta e rasgue ou través muitos beijinhos	Observação

relacionamento entre namorados, etapa pré-casamento. É com base nesse contrato que o remetente se assegura de uma carta-resposta de seu destinatário.

Pelo fato de os remetentes não serem pessoas conhecidas da sociedade, e sim, pessoas comuns, tentar traçar o seu perfil social é bastante difícil. Sendo assim, a composição da caracterização da imagem social e pessoal dos autores das cartas foi capturada pelo cruzamento do conteúdo das 12 missivas trocadas entre os noivos (já que o texto reflete as interações sociais entre o casal) e trabalhos histórico-sociais relativos à época. Essas imagens são embasadas nos imaginários sociodiscursivos que circulavam na sociedade carioca no início do século XX e definiam quais comportamentos eram esperados para noivos virtuosos.

Segundo Biasoli-Alves (2000, p. 235), acerca do casamento no início do século XX, “não basta possuir os atrativos necessários e a atenção de candidatos porque, em última instância, é a família quem tem o poder, quem

‘arranja’ os casamentos, ou são as famílias que se juntam e combinam o que para elas é considerado o melhor”. Dessa forma, levando em consideração não só o período histórico estudado, mas também o relato de pessoas entrevistadas com mais de oitenta anos, era bastante comum que as famílias arranjasse o casamento de seus filhos. Tais fatos ocorriam em famílias pertencentes à alta sociedade.

Essas formalidades, por vezes, poderiam ser um pouco mais frouxas se as famílias pertencessem a camadas sociais mais inferiores, mas sempre preservando com muito cuidado a imagem e a honra da moça que “buscava” um pretendente digno, de “boa família”. Os encontros deveriam ser diante da família; os passeios só eram permitidos com a presença de alguém da família da noiva; e, em meio a tanta vigília, os noivos se conheciam melhor através de cartas e de encontros marcados às escondidas. Através das cartas trocadas entre Maria e Jayme, muitos encontros foram marcados. Por informações que constam nas cartas (seção de “localidade” e os endereços que constam nos

envelopes), Maria, a noiva, morava em Petrópolis, e seu noivo, Jayme, na Zona Norte do Rio (Rua São Francisco Xavier - Ramos) e, pela distância, não podiam se ver com muita frequência. A Igreja da Penha e as estações de trem foram palcos desses muitos encontros secretos.

Outro fato relevante sobre esse casal é que Maria e sua filha Hilda (de outro relacionamento) moravam com a família de sua irmã Ismênia (marido e filhos). Sendo assim, a protagonista era tratada como mãe solteira, pois em nenhum momento o pai da criança é mencionado (há a possibilidade de Maria ser viúva, mas não foi constatada). Segundo questões sociais da época que acabavam por circular em forma de imaginários sociodiscursivos, se a mulher como mãe solteira ainda tivesse irmãs ou irmãos para se casar, não poderia morar com a sua família, pois afastaria os outros casamentos.

Ainda sobre essa questão, a família de Jayme, em especial sua mãe, parecia não aprovar o relacionamento por conta da situação de Maria diante da sociedade, já que ela não era mais “pura” para seu filho; contudo, Jayme se mostrava disposto a enfrentar a sua família e assumir Hilda como sua filha legítima. Segundo Silva (2012, p. 47), “Maria solicitava em várias cartas que ele a avisasse caso a sua mãe falasse alguma coisa a respeito dela, o que evidencia o quanto a noiva não era bem vista pela família do rapaz”.

Jayme trabalhava em uma empresa de importação e exportação; quanto à Maria, não foi mencionada a sua ocupação, mas o mais provável é que fosse dona de casa, dados os padrões da época. Além do mais, a educação e profissionalização dos jovens no início do século XX era reservada aos rapazes, porque as moças poderiam ser retiradas da escola, a qualquer momento, “para ajudar” nos afazeres domésticos, ou seus estudos poderiam ser interrompidos para que se preparassem para o casamento. Como as cartas foram trocadas no final da década de 1930, subentende-se que a educação inicial de Maria tenha acontecido, pelo menos, na década de 1910 ou um pouco antes.

Segundo a pesquisa desenvolvida por Silva (2012), pelo conteúdo das cartas, Jayme apresentava, comparativamente a Maria, um maior contato com os modelos de escrita, e em suas cartas, mesmo que em formato de prosa, vê-se a utilização de versos, discursos repetidos e muitas juras de amor; em relação a Maria, Silva (2012) a considerou como alfabetizada (sabia ler e escrever), pois apresentava desvios grafemáticos recorrentes e uma estruturação sintática muito simples. Veja-se o trecho de Biasoli-Alves:

[...] torna-se cada vez mais comum que a “moça de família”, depois que aprendeu em casa as “primeiras letras”, seja enviada a um colégio interno de freiras “para ser educada”. De lá ela sairá depois de alguns anos, pronta para casar. E o que lhe foi ensinado? A fala de um dos entrevistados é muito clara a este respeito: *Porque minha mãe tinha curso de culinária... foi estudante durante muito tempo em colégio de freira... de*

maneira que ela saiu de lá habilitada... bordava, tocava piano, cozinhava... era boticária minha mãe. Se hoje ela tivesse viva... eu até brincava com ela... porque ela tinha garrafada curtindo no álcool... pra tudo quanto é doença... (Homem, 78 anos, in Biasoli-Alves, 2000, p. 235-236, grifos do autor).

Dessa forma, os “erros” encontrados nas cartas de Maria eram bastante aceitáveis para a educação feminina da época, tendo em vista que a mesma se resumia aos afazeres domésticos aprendidos durante a juventude em casa ou em um internato, como pode ser visto no trecho apresentado.

Interessante é o fato de Maria demonstrar autoconsciência ao dizer que não era muito instruída, repetidas vezes, e ainda solicitar ao noivo que não reparasse em sua falta de habilidade com a escrita (por refletir mais elementos da modalidade oral do que da escrita em suas cartas). Por essa razão, Maria torna-se uma valiosa fonte para o conhecimento da norma popular do PB, por ser uma mulher alfabetizada em 1936, já que pouquíssimas eram as mulheres não privilegiadas socioeconomicamente que, nas décadas de 1920-1930, sabiam ler/escrever, quanto mais aquelas que extrapolavam a escola primária. Deve-se lembrar que essas mulheres estavam inseridas em uma sociedade extremamente patriarcal que exercia seus direitos civis plenamente, renunciando diversos direitos às mulheres, ainda mais a uma “mãe solteira”. Vejamos agora o *ethos* discursivo dos nossos protagonistas na próxima seção.

Caracterização do *ethos* discursivo

Considerando o objetivo desta pesquisa, utiliza-se como categoria de análise as classificações de *ethé* discursivos propostas por Charaudeau (2015). É interessante constatar que ambos os noivos estão inseridos no mesmo contexto social e compartilham de algumas experiências e da mesma linguagem. Mesmo Maria apresentando uma escrita com “erros” mais evidentes e com características da oralidade e Jayme com alguns desvios, ambos conseguem se compreender bem. Além disso, é a “convivência” e a cumplicidade estabelecida implicitamente no contrato de noivado que faz um remetente enviar uma carta e o destinatário responder com outra.

Sendo assim, considerando, pois, a construção da imagem social através das cartas trocadas por esse casal, procura-se, a partir de agora, tecer algumas considerações a respeito da construção dos *ethé* encontrados nos discursos de Jayme e de Maria.

De acordo com as discussões teóricas, procura-se observar, através de trechos selecionados das cartas de Jayme e de Maria, a construção da imagem que cada um faz de si a partir das trocas das cartas. Lembra-se aqui que, quando o sujeito comunicante toma a palavra, ele constrói uma imagem de si próprio e de seu receptor ao mesmo tempo, o que revela também a personalidade e o

caráter do enunciador. Assim, percebem-se os seguintes posicionamentos por parte do EU e de Maria em (A) e, em seguida, apresenta-se os *ethé* de Jayme em (B).

(A) Maria

Exemplo 1. O sujeito enunciador se mostra preocupado com a posição da família do noivo.

(a) “*Eu tive um sonho com você e tua mãe mas não foi muito bom foi do dia 21 para o dia 22. Jayme manda-me dizer se a tua mãe falou alguma coisa com você ao meu respeito*” (Maria, carta nº 1, 22/09/1936).

(b) “[...] *estou e m-uito triste e de saber que o ambiente em tua |casa e suportável isto tudo e por minha cau-|sa eu peço-te perdão e não fiques san- |gado com migo, e não se esqueça da tua |noivinha que tanto te ama. | [...] Eu acho melho que tu não debes vir na minha |casa tam sedo a te os teus pais ficarem cal- |mos com você, se você não ficares sangado |eu posso-te esperar todos os sábados a noite para |evitar de vires da minha casa*” (Maria, carta nº 29, 14/02/1936).

(c) “*Jayme eu tenho rezado todas as noites a Nossa Senhora da Penha para a tua mãe ficar boazinha pra você e que ela fique mais calma sobre o nosso respeito eu te peço para você rezares também nem que seja um Padre Nosso e uma Ave-Maria se você não souber rezar isto manda-me dizer que eu copio para você*” (Maria, carta nº 16, 22/02/1937).

Nos trechos em (1), Maria se mostra preocupada com relação a sua aceitação como noiva pela família de Jayme, pois sabe dos conflitos passados por seu noivo em casa por sua causa. Assim, ela constrói para si um *ethos de virtude*, de alguém que se preocupa com o bem-estar de seu noivo e com a imagem social que a família do mesmo fará de sua pessoa. Ela deixa claro que até o seu sono é perturbado com tal assunto. Dessa forma, ao escrever a carta no dia 22/09, dia depois do sonho, Maria cria uma imagem de alguém que sofre, que lamenta pelo que está acontecendo e está desassistida com essa situação entre o noivo e seus parentes.

Exemplo 2. O locutor se mostra consciente de seus “erros” de língua portuguesa.

(a) “*não repares a minha carta nei os meus eros, | eu não sei escrever cartas de amor como voce eu quando | lei chego a chorar, voce sabe que eu sou uma burinha*” (Maria, carta nº 9, 07/10/1936).

(b) “*não repares a minha carta por que eu não sei escrever e podes rasgar*” (Maria, carta nº 19, 15/03/1937).

Nas passagens em (2), Maria cria um *ethos de virtude* de alguém humilde, pouco escolarizado e pouco inteligente, pois ela mesma se qualifica como “burrinha”. Com isso, ela demonstra ser consciente de não possuir tanta familiaridade com textos escritos como seu noivo. Quanto a este, notamos que Maria possui uma imagem de Jayme como alguém dotado de inteligência e bom trato com as palavras. Observa-se que a enunciativa repete sistematicamente a Jayme para não reparar na sua falta de domínio com essa modalidade. Muitas são as cartas escritas por Maria com o pedido a Jayme de rasgá-las após a leitura na seção de “observações”, pois não queria que a família do noivo as visse.

Exemplo 3. O locutor enuncia seus sentimentos frente ao seu amado.

(a) “*Petrópolis para mim é pior de que uma prisão eu já estou cheia de estar a qui a única coisa que te peço é para não se esqueceres de mim, por que eu nunca mais te esquecerei só a morte*” (Maria, carta nº 18, 08/03/1937).

(b) “*acho que tu não tens pena de mim eu sou uma pobre infeliz que Deus botou no mundo para sofrer tu sabes perfeitamente que eu dediquei todo o meu amor a você o mundo para mim se você não e mundo*” (Maria, carta nº 16, 22/02/1937).

Nos exemplos em (3), pode-se ver que Maria se mostra bastante apaixonada por seu noivo. Novamente, encontramos um *ethos de virtude*, de alguém que ama incondicionalmente e que chega a ser digna de pena por isso. Embora as suas cartas não apresentem as juras de amor eterno como as cartas de seu noivo, o *ethos* que Maria cria é de alguém que sente um amor tão intenso como o dele e de uma pessoa dedicada ao seu noivo.

Passemos, agora, a algumas análises acerca dos *ethé* construídos por Jayme em suas cartas.

(B) Jayme

Exemplo 4. O locutor enuncia seus sentimentos frente a sua amada.

“*Para mim tu es maior que toda | a riqueza que há neste mundo, | Tu és toda a minha fortuna a minha | riqueza, e meu ser, a minha maior ventu- |ra neste mundo é amar-te e querer-te cada | vez mais. | Sinto que em ti é que esta toda a | minha existencia, por isso quero-te muito | para poder viver eternamente, sempre em teus | braços recebendo as caricias tuas, que tanto me | acalentam e me dão vida*” (Jayme, carta nº 16, 02/03/1937)

Neste trecho em (4), o locutor se mostra bastante apaixonado por sua noiva. Faz declarações e juras de amor através de versos, mesmo escrito em prosa. Faz questão de dizer a sua relação de dependência com a noiva. Assim, o *ethos de virtude* criado é de um noivo apaixonado que, além de reforçar a transmissão de segurança e credibilidade em seus sentimentos para com ela, deseja estar mais próximo. Além disso, nota-se a construção de um *ethos de inteligência*, visto que o registro linguístico utilizado pelo sujeito enunciatador é o de alguém que detém certo conhecimento literário.

Exemplo 5. O locutor enuncia a sua preocupação com a saúde de sua noiva e de Hilda.

“A noite fui a tua casa , qual a alegria que esperava-me , tinha duas cartas para mim , mal recebias fui ler , as cartas eram dos dias 22 e 23 do corrente, fiquei um pouco mais descansado , mais um pouco desassossegado por saber que tens tido febre e que a Hilda também está meio adoentada” (Jayme, carta nº 05, 26/07/1936).

Ao enunciar sua posição frente à saúde de sua noiva no trecho em (5), Maria, e de Hilda, sua futura enteada, o sujeito enunciatador constrói um *ethos de virtude*, de um locutor preocupado, caridoso e apreensivo por estar distante e nada poder fazer. Ele mostra a sua preocupação e se respalda no intervalo de tempo em que recebe as notícias, já que não são notícias imediatas. Comenta no texto que a sua carta foi escrita em 26/07, mas somente recebeu as cartas da noiva dos dias 22 e 23/07 em 25/07.

Exemplo 6. O locutor enuncia as suas intenções de assumir como filha a menina Hilda.

“Eu quero que tu não proibas a Hilda de brincar, porque nós que somos marmanjos gostamos de brincadeiras. porque ela não é só tua, e nossa, pertence-me também , não amo só a mãe dela, mas ela também, porque ela é teu fruto, então se és minha ela também é minha” (Jayme, carta nº 10, 05/10/1936).

Nesse enunciado em (6), o locutor demonstra a sua noiva o carinho que ele tem por sua filha de outro relacionamento, Hilda, e, como consequência, constrói um *ethos de virtude* que pode ser interpretado, também, como o *ethos de sério*, de um futuro chefe de família, bom pai, que não se preocupa com os valores e imaginários sociodiscursivos compartilhados na sociedade da época que giravam em torno da imagem de uma mãe solteira como alguém leviano. Contrariando esses valores, mas concordando com os imaginários legitimados pela sociedade para um bom pai, Jayme revela à Maria o desejo de alcançar essa expectativa.

Exemplo 7. O locutor enuncia sua posição frente aos seus parentes em relação ao noivado.

“Eu amanhã vou a praia, peço-te perdão por isto, mas o ambiente em minha casa é insurpotável cada vez compreendo menos. Tu sabes minha flor se não fora isso, eu acataria o teu pedido, em casa todos parecem uma feras contra mim até os meus irmãos Eu quero ir a praia somente para não ver tudo isso, porque faz-me pensar em bobagens Mas tudo que façam minha querida, não faz esquecer-me de ti, pelo contrário, fazem-me gostar cada vez mais de ti, sonho, penso sofro tudo enfim, mais meu amor é fiel, de-| dica-se somente a ti, a mulher que mais sofreu neste mundo pelo amor, procurarei nos resto de dias de minha existência correspon-| der com o meu amor e o meu afeto, #o amor que tanto me dedicas, portanto correspon-| do a ti, a altura que tu mereces” (Jayme, carta nº 27, 13/02/1937).

Com relação ao trecho selecionado em (7), ao expor para a família a sua posição frente a seus objetivos matrimoniais com Maria, por esta ser “mãe solteira”, ou seja, uma mulher não ideal para Jayme (segundo sua própria família), o sujeito comunicante, Jayme, acaba causando muito desconforto e conflitos com seus parentes, tornando o ambiente familiar um tanto insuportável para ele. Ainda assim, nas cartas, Jayme, na vez de sujeito enunciatador, põe à prova todo o seu amor pela noiva, pois, mesmo com a discordância da família, ele luta pela vida a dois. Dessa forma, o *ethos* criado pelo locutor é de um homem de coragem, de forte personalidade e que luta pelos seus sonhos, ou seja, um *ethos de virtude*, atrelado a um *ethos de potência*, de alguém perseverante que não mede esforços para alcançar a felicidade ao lado de sua amada.

Exemplo 8. O locutor enuncia as intenções de casamento.

“Diga a tua irmã, que aquela ideia de ela dizer que era melhor nos casarmos, que a muito tempo já vem se alimentando nos nossos corações, que dentro em breve o nosso fim será esse” (Jayme, carta nº 6, 28/09/1936).

Nesse trecho em (8) de uma das cartas de Jayme, o locutor destaca, mais uma vez, a questão do casamento. Jayme, em muitas cartas, constrói um *ethos* de alguém que ama muito sua noiva e que deseja honrar o seu compromisso: a promessa de se casar com Maria. Assim, nesse último trecho selecionado, vê-se um *ethos de virtude* e um *ethos de sério*, de alguém bastante firme e seguro da decisão tomada.

Notamos, portanto, a predominância do *ethos de virtude* tanto nos enunciados de Maria quanto nos de

Jayme. É interessante observar que esse tipo de *ethos*, de acordo com Charaudeau (2015), estaria na categoria dos *ethé de credibilidade*. Através da construção de uma imagem de si que se mostra credível, o sujeito enunciador procura garantir a credibilidade para si mesmo e para seu enunciado, procurando convencer seu interlocutor a acreditar em seus argumentos. Em cartas trocadas por um casal de noivos, dada a finalidade desse contrato de comunicação, amparado pelo contrato social do noivado, é possível entender a predominância do *ethos de virtude* em nosso *corpus*, visto que os noivos tentam, a todo momento, mostrar uma imagem de alguém disposto a enfrentar qualquer obstáculo para que o objetivo final, a união dos dois, seja alcançado. Passemos às conclusões.

Considerações finais

O gênero carta é bastante interessante, pois, embora contenha as suas fórmulas fixas (como foi analisado na Fundamentação Teórica), possui também o “corpo da mensagem” caracterizado como a parte mais livre para o autor se comunicar da forma que lhe convier. Todos os trechos retirados das cartas como exemplo foram copiados dessa seção em específico, e os exemplos em (2) aparecem como notas ou observações.

Por meio das cartas de amor trocadas por Jayme e Maria, foi observada a construção de diversos *ethé* destinados à criação de uma imagem virtuosa para ambos, imagem essa que se coaduna aos imaginários sociodiscursivos em torno dos comportamentos ideais para um casal de noivos da década de 1930. Assim, vê-se Maria muito dedicada ao seu noivo por muito amá-lo, também preocupada com a situação conflituosa pela qual ele passa por sua causa, além de ser consciente de seus “erros” de língua portuguesa; já em Jayme, vê-se que há uma

preocupação em impressionar sua noiva com seus versos de amor, possui uma verdadeira adoração por Hilda e se mostra bastante corajoso por lutar por seu futuro casamento, mesmo que sua família seja contra.

Todas as considerações apontadas sobre a construção do *ethos* nessas cartas só foram possíveis graças à fundamentação teórica calcada na Teoria Semiollingüística do Discurso (Charaudeau, 2014, 2015) na qual se encontram boas bases teórico-metodológicas para a análise de discursos, possibilitando o desvelamento, descrição e análise de determinadas características sociodiscursivas, tais como os *ethé* aqui analisados.

Referências

- AMOSSY, R. 2014. Ethos. In: P. CHARAUDEAU; D. MAINGUENEAU (orgs.), *Dicionário de análise do discurso*. 3ª ed., São Paulo, Contexto, p. 220-221.
- ARISTÓTELES. 2005. *Retórica*. 2ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 310 p.
- BIASOLI-ALVES, Z.M.M. 2000. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3):233-239. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n3/4810.pdf>. Acesso em: 08/12/2014.
- CHARAUDEAU, P. 2014. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2ª ed., São Paulo, Contexto, 256 p.
- CHARAUDEAU, P. 2015. *Discurso Político*. 2ª ed., São Paulo, Contexto, 328 p.
- LOPES, C.R.S. 2004. Laboratório de História do Português. Corpora Labor Histórico. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/labor-historico/>. Acesso em: 15/12/2014.
- PAULIUKONIS, M.A.L.; GOUVÊA, L.H.M. 2012. Texto como discurso: uma visão semiollingüística. *Revista Desenredo*, 8(1):5-27.
- SILVA, E.N. 2012. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolingüístico de um casal não-ilustre*. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 137 p.

Submetido: 30/09/2016

Aceito: 16/03/2017